

“Artes Plásticas - Brasil na Bienal de Tóquio (2)”

MORAIS, Frederico., Diário de Notícias (RJ), 1967.05.23.

Dois artistas de São Paulo e dois da Guanabara representam o Brasil nesta IX Bienal de Tóquio. Compõem eles o que chamamos de uma objetividade brasileira. Em que consiste isto? Na vanguarda brasileira atual, múltipla, variada e eclética, como convém à nossa época, alguns aspectos comuns impõem-se, configurando um pensamento, uma quase tomada de posição geral. Estas características são: vontade construtiva, a tendência para o objeto, ativa participação do espectador, consciência social. Nunca, estas qualidades se somam, noutros, a pura construtividade substitui a problemática social. Mas uma preocupação comum os une: a objetividade da linguagem.

Maurício Nogueira Lima, o mais velho, e Hélio Oiticica tiveram uma atuação destacada nos movimentos Concreto e Neo-concreto, particularmente importantes no contexto da arte brasileira e mesmo internacional; mas sua obra atual, entretanto, apresenta-se com outras características. Como artista concreto, Nogueira Lima preocupou-se, na década 50/60, com uma forma bem estruturada, limpa, quase matemática. Hoje, retoma a figura, fazendo arte mais comunicativa e direta, próxima, talvez, da Pop. Gráfica e "designer", vê a arte como um problema de comunicação. Onde, importa-lhe, basicamente, alcançar uma informação objetiva e imediata, com o mínimo de entropia. Sua pintura atual liga-se ao cartaz publicitário, às revistas em quadrinho, enfim, à semaforização do urbano e aos veículos comunicativos de massa. A consequência e o aparecimento simultâneo de uma nova cor e de uma nova figura. Seu conceito de cor, de nítidas conotações publicitárias e industriais, é o de uma cor geográfica que tem no quadro a função de determinar áreas. Áreas de impacto. Não é cor impressionista, atmosférica. A figura, por sua vez, não tem o mesmo

significado que tinha, por exemplo, para um pintor expressionista. É uma figura-tipo, facilmente reconhecível, como a dos cantores de TV ou dos heróis dos "comics". O desenho das figuras, não é o artístico, não visa o estético, mas a comunicação. É o que se pode chamar de um desenho pedagógico, de um "purismo do óbvio". E não apenas a figura humana, mas também o "ballom", a bota do Batman, a letra. Mas esta é vista como um ícone, possui um impacto próprio, é tátil quase, sonora sempre: haad!, shazan, whoosh!

Hélio Oiticica adquiriu excepcional maturidade ainda muito jovem, ao tempo do Neo-concretismo, e hoje, com 30 anos, é, indiscutivelmente, uma das figuras principais da vanguarda brasileira atual. Depois de pesquisa com "estruturas-côr" no espaço, com relevos e núcleos - estruturas primárias, por si mesmas significativas -, sua obra adquiriu novos significados a partir de 60. De um lado, orientou-se no sentido do tátil-visual, como nos bólides, dois dos quais vemos nesta Bienal. Aqui sua pesquisa pode ser definida como uma busca daquelas qualidades elementares, do "estrutural Básico na constituição do mundo dos objetos". Para Oiticica, a fase unicamente visual está superada. Agora a mão do espectador tateia, apalpa, pega, penetra fundo ou reage, afastando para logo retornar, tentando captar na terra colorida, dentro do recipiente plástico, as menores nuances, inteirar-se de um mundo ainda subjetivo, de tênues emoções. O que deseja o artista neste e noutros bólides, em que lança mão de pigmentos de cor, de brita, conchinhas do mar, areia, terra, carvão, etc., é a revelação das mais variadas sensações de temperatura, textura e densidade, sensações que podem tocar diretamente ao coração e ao cérebro. Quase se pode dizer de um pensamento que flui entre os dedos, como que a confirmar Langer e outros semanticistas que já demonstraram como o pensamento (o pensar) não é privilégio da linguagem discursiva. Assim, as cores, as formas, os odores ou gostos são também instrumentos de sensações as mais diversas, quando não do pensar. Na medida em que propõe um

conhecimento do mundo através da cor, dando a esta não um sentido meramente visual, mas também tátil, háptico, Oiticica avança em campos mais complexos de uma etimologia sensorial.

Seu outro bólido - quem tem a forma da caixa - não é menos rico de sugestões. Nele, também, a mão abre e fecha compartimentos, como se tratasse de uma casa miniaturizada, íntima, aconchegante, convidativa, que tanto revela o calor e a intimidade dos ninhos, dos cofres, das conchas e de tantas outras coisas pequenas. O espectador que abre e fecha "portas" revela para si, e na obra, uma como que dialética do espaço, que deixa fluir, incessante, a poesia - poesia pura, não escrita. Se as caixas de Gechman, como iremos ver, revelam o grito solitário do homem, as de Oiticica, que deliberadamente fogem de todo expressionismo, sugerem, mais, a casa perdida da infância, sempre sonhada, esconderijo, abrigo poético.

De outro lado, a pesquisa de Hélio Oiticica orienta-se no sentido de manifestações antiarte, como, nas suas "apropriações". Ao apropriar-se pura e simplesmente de um objeto real - sem as preocupações esteticistas de tantos outros - injeta nele novos significados e ideias. Às vezes, como no seu "plasticope", a apropriação revela uma notável intuição histórica, pois este objeto "kitsch" é verdadeiramente uma pintura em movimento. Com ele o artista realiza aquilo que os futuristas desejaram, no seu elogio à dinâmica da vida moderna, o desenvolvimento de formas no espaço, de máquinas em movimento ou a simultaneidade de ações. Desejaram, mas não realizaram, pois que entre a representação necessariamente estática de uma máquina numa tela e o movimento real havia uma contradição não percebida na época. Com seu "plasticope" Oiticica movimenta o trem de Boccioni.